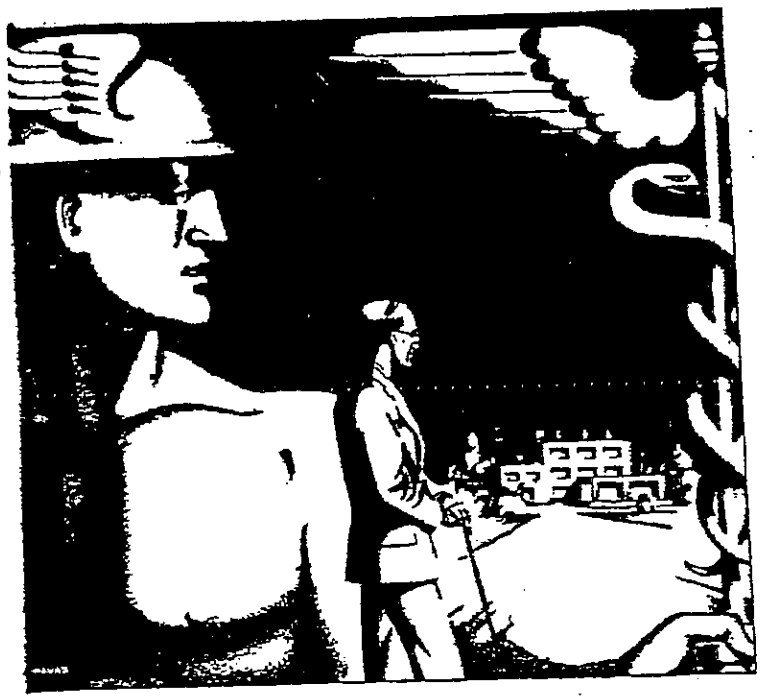


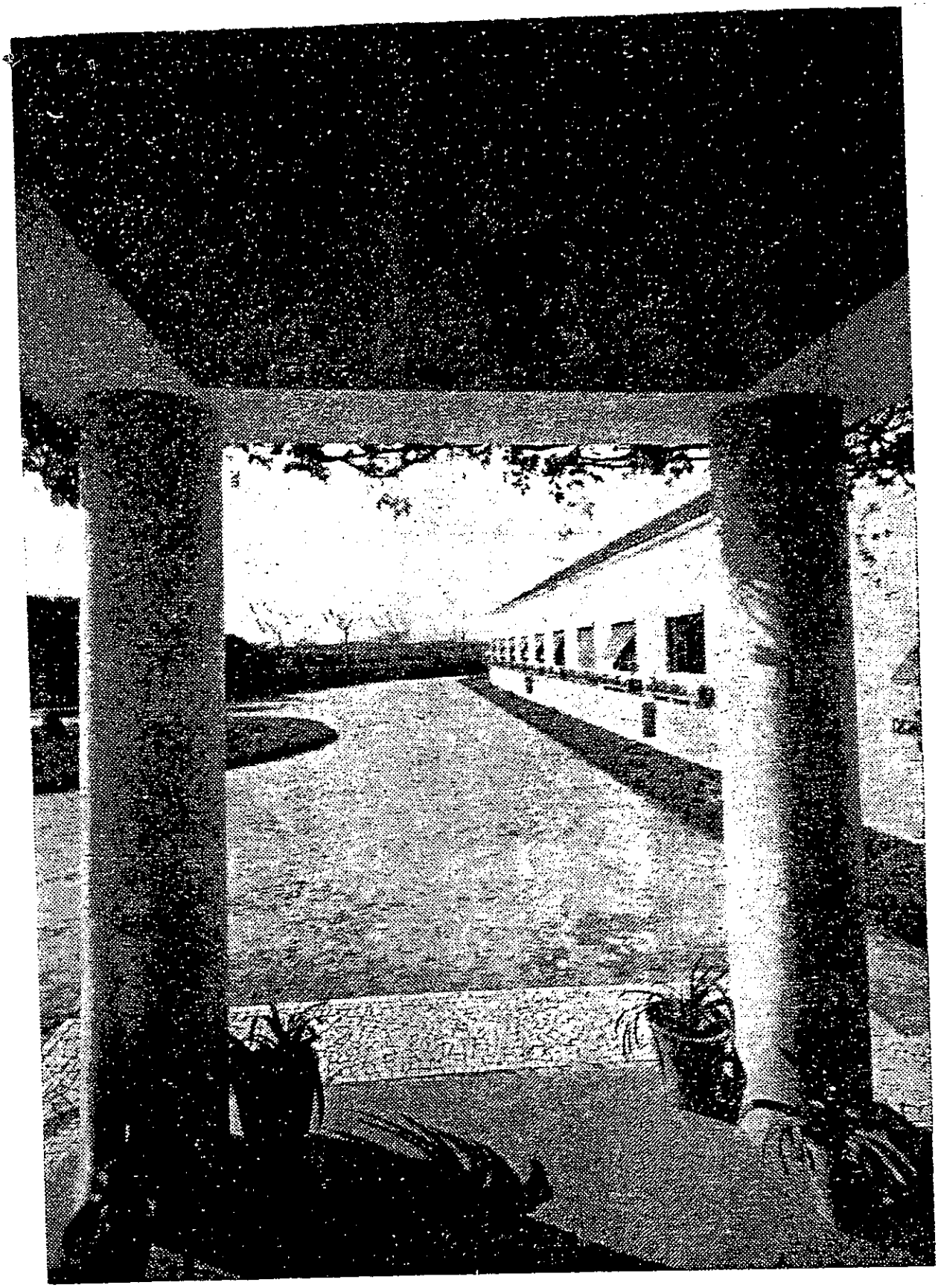
INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

UM POUCO DE HISTÓRIA

1952

«Os legisladores inventaram o «Casal de Familia»: esta prestantissima instituição criou a «Casa de Familia», na qual há carinhos, afagos, amor. Como se sente aqui a grandeza da alma humana, acoimada de ferina por tantos derrotistas! Como se sente que o Homem, companheiro e amigo do outro Homem, é capaz de transformar a vida num ideal superior! Bem hajam quantos criaram e velam por esta instituição».

Prof. Bento Carqueja



Sede da CASA DE REPOUSO

Quinta do Outeiro — Lumiar — Lisboa

Entrada principal

ALFREDO CABRAL
Sócio N.º 1
Autor da ideia da fundação

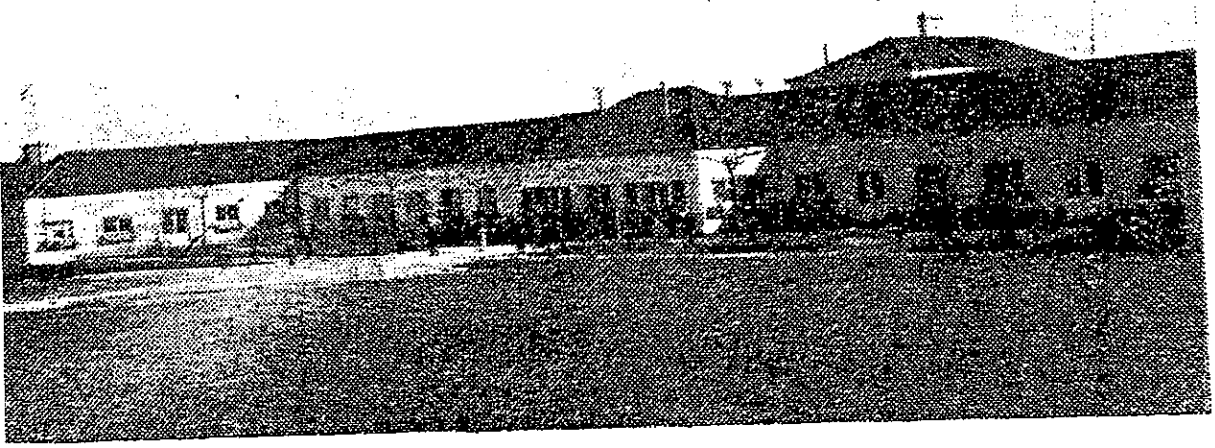
ANTES da fundação desta instituição, duas, pelo menos, se esboçaram em Portugal, noutras actividades, mas com iguais fins: a dos artistas teatrais e a dos jornalistas, ambas servidas por um postulado de singular dedicação e de amor a uma ideia. Ruíram, porém, os sonhos generosos dos seus idealizadores, e da sementeira afanosamente feita sòmente ficou a intenção e — quem sabe? — talvez o germe de obra futura, para satisfação dos vindouros, pois o pó do túmulo já envolveu muitos daqueles a quem a existência da sua Casa de Repouso traria a compensação moral das muitas energias de espírito que dispenderam.

ALEXANDRE FERREIRA

O maior propulsor de Inválidos do Comércio

Esta — a de INVÁLIDOS DO COMÉRCIO — surgiu em princípios de 1929. Andava o sonho na mente de imensas pessoas, que se interrogavam: que farão os homens da nossa profissão quando, inválidos e pobres, ao fim de uma estirada vida de trabalho, se vejam sem lar e sem o pão diário? Terão de recolher a um asilo? Serão réprobos da sociedade de que foram parte integrante?

A oportunidade surgiu, porém. Um homem modesto — Alfredo Cabral — pensou na possibilidade de se criar uma instituição idêntica ao Albergue dos Inválidos do Trabalho, existente em Lisboa, em cuja



CASA DE REPOUSO

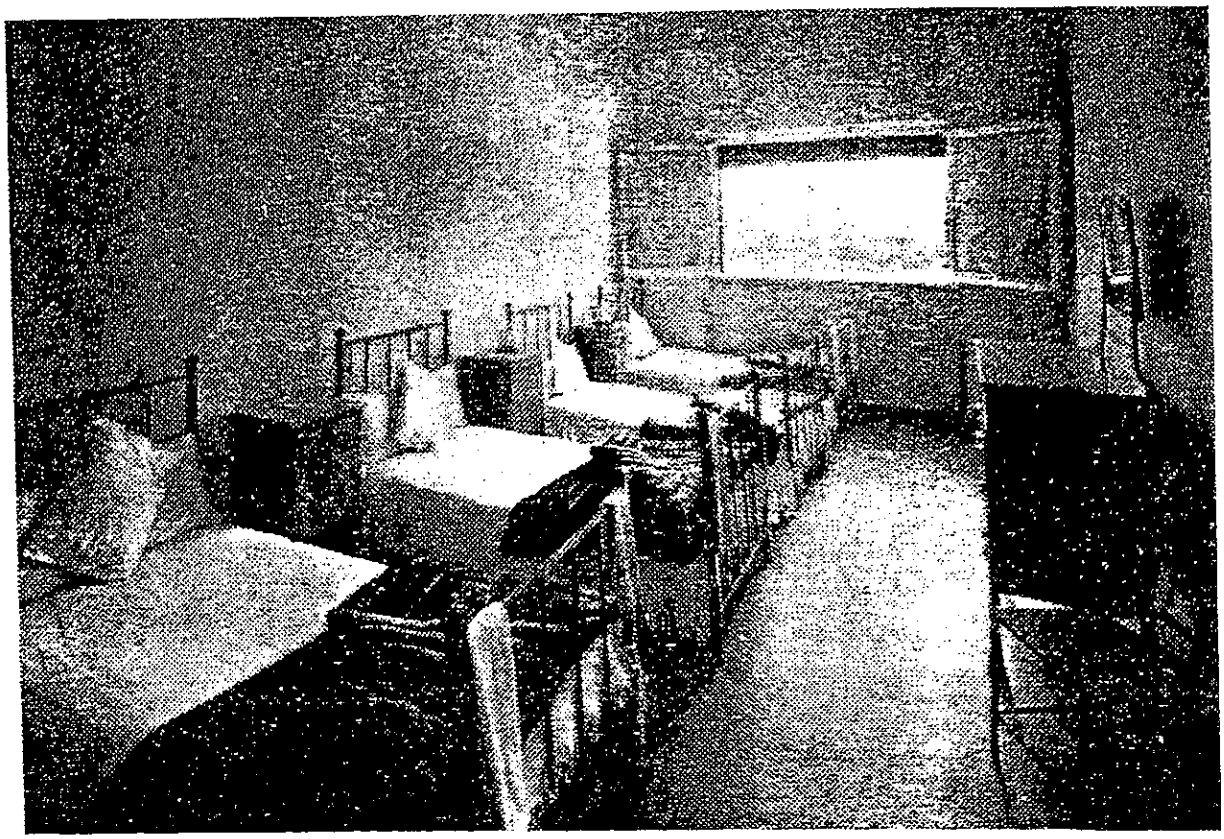
Um aspecto dos edifícios

secretaria era empregado, destinada a recolher na senectude os homens do comércio, visto aquele Albergue sòmente receber os artífices. Alfredo Cabral fora em tempos operário gráfico, tendo-se dedicado depois ao mister de caixeiro de praça, no qual consumira também uma grande parte da sua existência.

Lançada a ideia e agrupados à sua volta outros elementos de trabalho: José Joaquim da Costa Fernandes, Alfredo Duarte Laureano, Felisberto Simplício, Artur Guedes da Costa Cabral, Júlio Afonso e António Guedes da Costa Cabral —, em 10 de Abril de 1929 realizava-se a primeira reunião desse agrupamento, pelo que se lhe deu foros de data da fundação. Realizou-se essa reunião e mais algumas que se lhe seguiram no *atelier* fotográfico de José

CASA DE REPOUSO

Um dos quartos



Joaquim da Costa Fernandes, uma figura cheia de bonomia, tipo de d'Artagnan, que acolheu fidalgamente, na sua casa da Rua do Loreto, os hesitantes fundadores de INVÁLIDOS DO COMÉRCIO.

Era mister dar, porém, impulso mais evidente à ideia, que, embora tivesse já criado prosélitos, não se encontrava ainda suficientemente explanada. Outros animadores vieram enfileirar-se junto dos que deram os primeiros passos e a comissão organizadora encontrou-se, pouco depois, constituída por Alexandre Ferreira, Amílcar Costa, Alfredo Cabral, Francisco Manuel da Costa, António Gomes Susano, António Augusto de Sousa e Homero Duarte Ramos, pessoas experimentadas e que souberam enfrentar a tempo o problema da orgânica, a que era preciso dar vida.

CASA DE REPOUSO

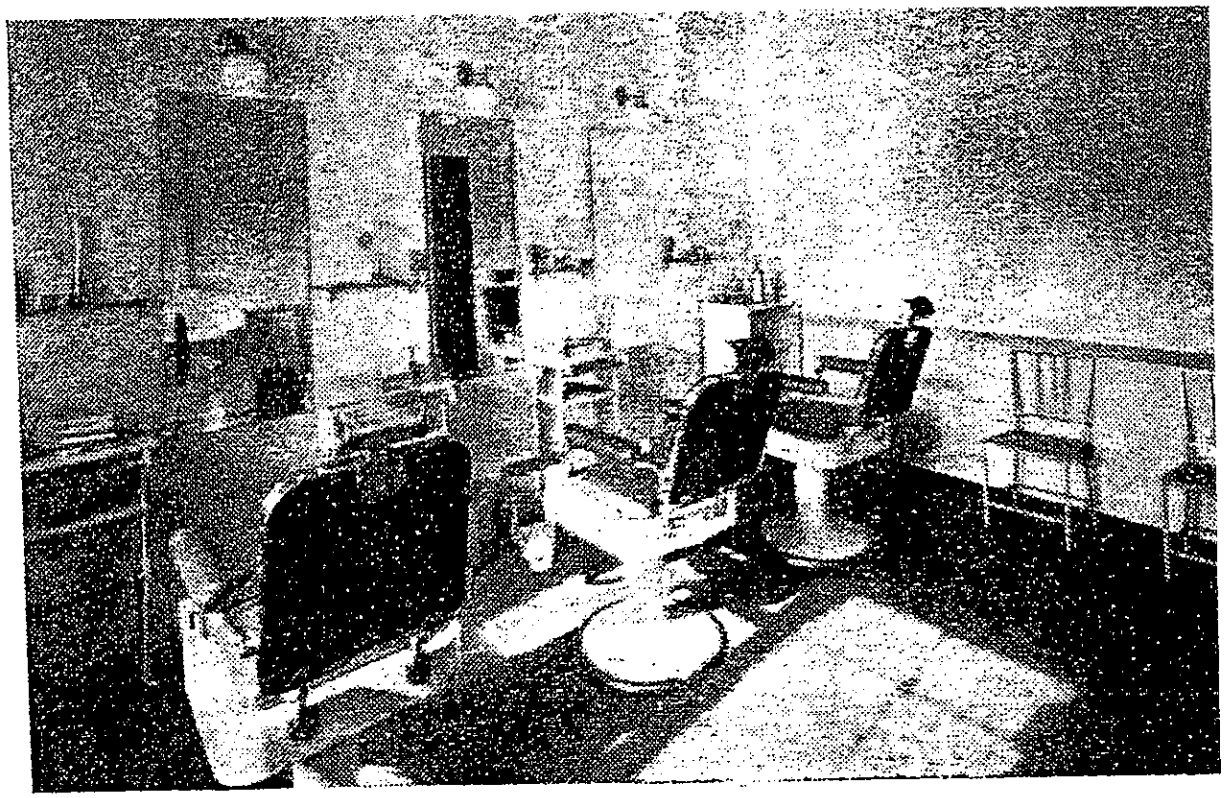
A sala de jantar

Foi, porém, o saudoso Alexandre Ferreira, que, a par do seu feitio impenitente de idealista, possuía o mais forte temperamento de organizador pertinaz, cultivando um optimismo sadio, o grande artífice desta obra, que acompanhou, viveu e sentiu durante mais de vinte anos. Os seus estudos cuidados do problema da assistência e as suas viagens, que lhe permitiram visitar grandes organizações assistenciais, principalmente no Norte da Europa, apetrecharam-no de vastos conhecimentos para inspirar e realizar a instalação de um organismo de carácter absolutamente diferente dos que existiam.

A assembleia geral de 18 de Julho de 1929, que reunira possuindo já a instituição mais de 4.000 sócios inscritos, votara, ao aprovar a lei estatuinte, a

CASA DE REPOUSO

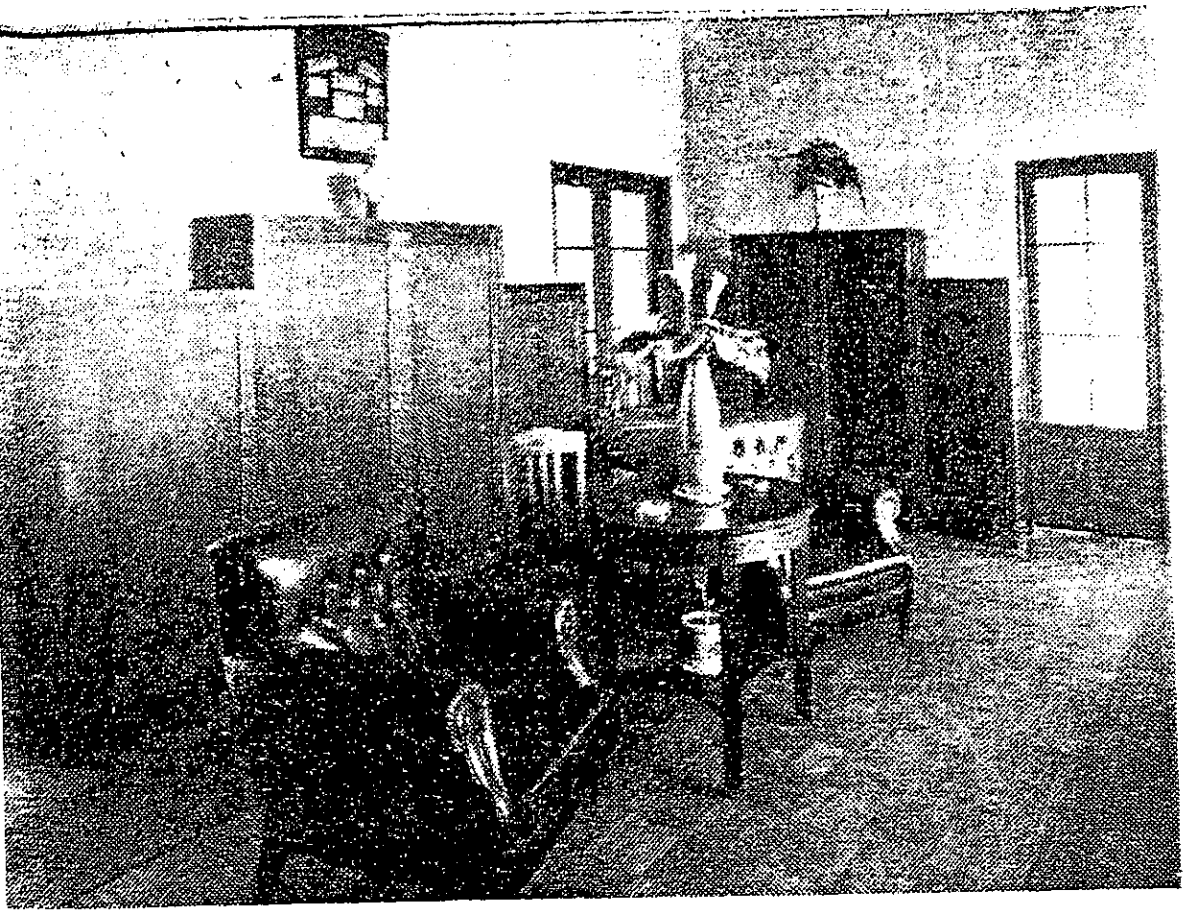
A barbearia



confiança à comissão organizadora para a instalação da sede e abertura da Casa de Repouso. Tão porfiados foram esses trabalhos, absorventes mesmo, pois que aos seus realizadores quase nenhum tempo restava para os deveres profissionais, que em Novembro desse ano INVÁLIDOS DO COMÉRCIO possuía, mediante arrendamento, no Paço do Lumiar, um solar que reunia as condições precisas para a instalação da Casa de Repouso.

Foram intensivas as obras de adaptação que se realizaram desde logo e às quais presidiu, sob o aspecto técnico, graciosamente, um grande nome na arquitectura portuguesa: José Alexandre Soares, hoje, infelizmente, também falecido.

A cruzada benéfica que se iniciara há pouco pros-



CASA DE REPOUSO

A biblioteca

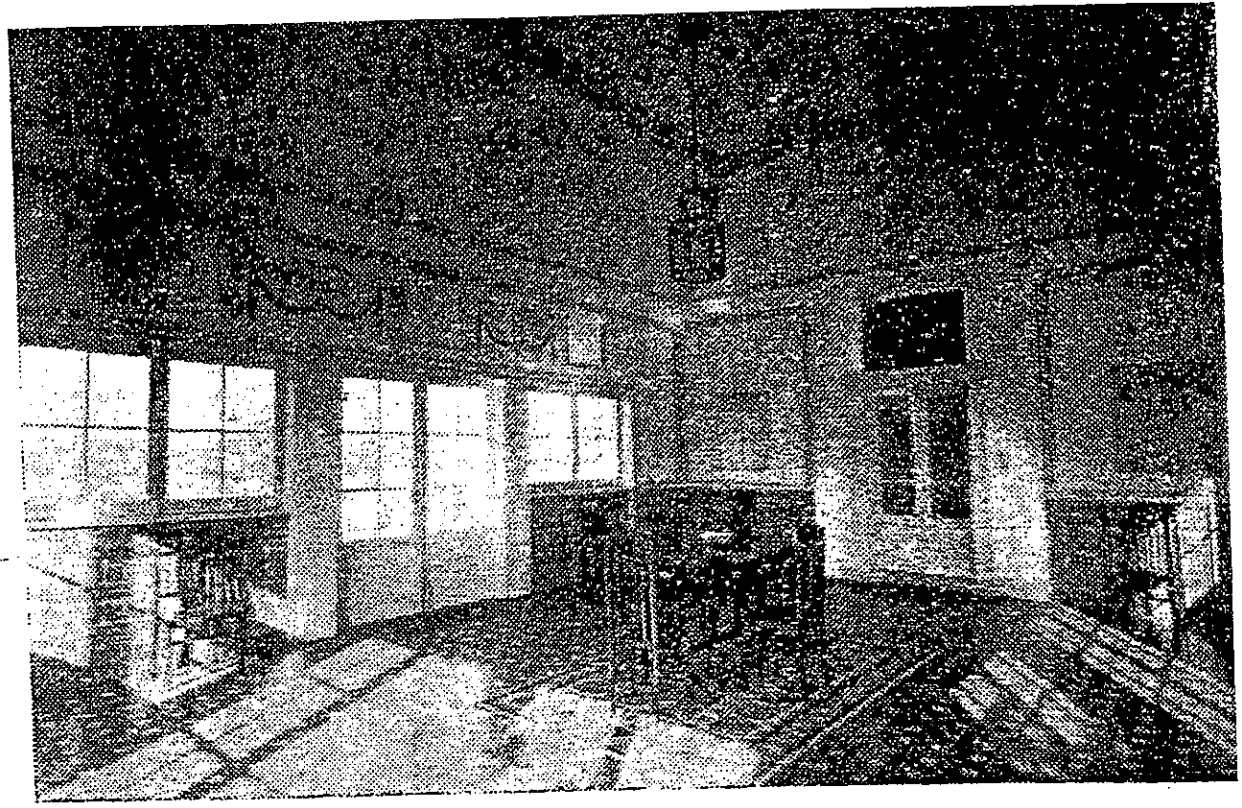
seguia, alimentada por uma fé viva de vencer e de criar o entusiasmo preciso entre a população de sócios, mostrando-lhes a realidade inicial: o internamento dos primeiros inválidos.

A legalização da colectividade estava obtida, visto que os seus estatutos haviam sido aprovados por alvará do Governo Civil de Lisboa de 30 de Setembro desse ano, e, portanto, encontrava-se absolutamente integrada nas fórmulas prescritas pela legislação que rege instituições deste carácter.

Em 25 de Maio de 1930 era possível atingir-se a almejada abertura da Casa de Repouso, acolhendo dez internados, comerciantes e empregados no comércio, dos quais o mais novo tinha 48 anos e o mais velho 81.

«Serviços Clínicos Manuel António Dias Ferreira»

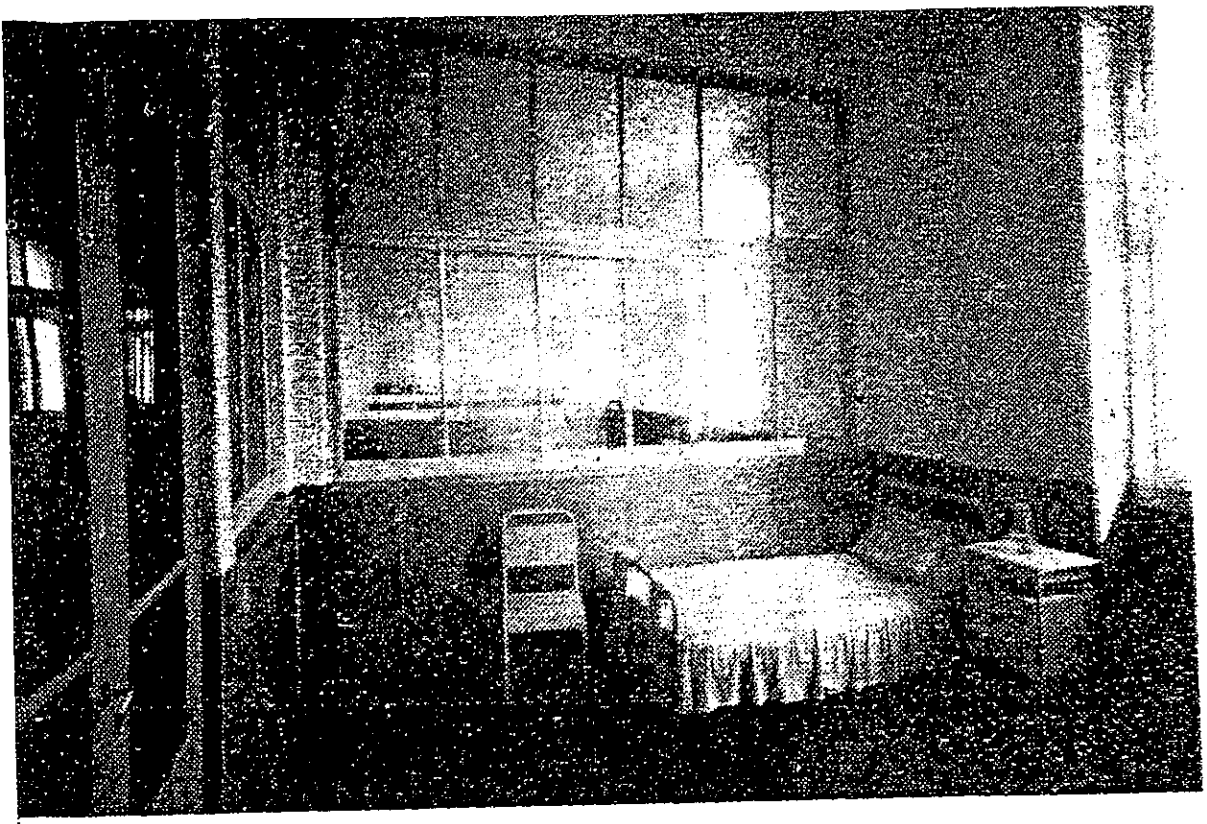
O átrio



Em 7 de Outubro de 1931 a assembleia geral introduzia nos estatutos alterações que davam à instituição a característica nacional, deixando, assim, de limitar a sua actividade sòmente a Lisboa.

O alvará de 10 de Dezembro seguinte aprovava oficialmente essas alterações.

Assim se viveu, numa manifesta sucessão de progressos, até que se principiou alimentando outro sonho: o da instalação em sede própria. Do sonho passou-se à realidade, e uma activíssima comissão de propaganda, composta por António Casanova, José Carvalho da Fonseca Júnior e Eduardo Sebastião Almeida da Silva, conseguiu adquirir, mediante escritura notarial de 19 de Agosto de 1935, a vasta área



«Serviços Clínicos Manuel António Dias Ferreira»

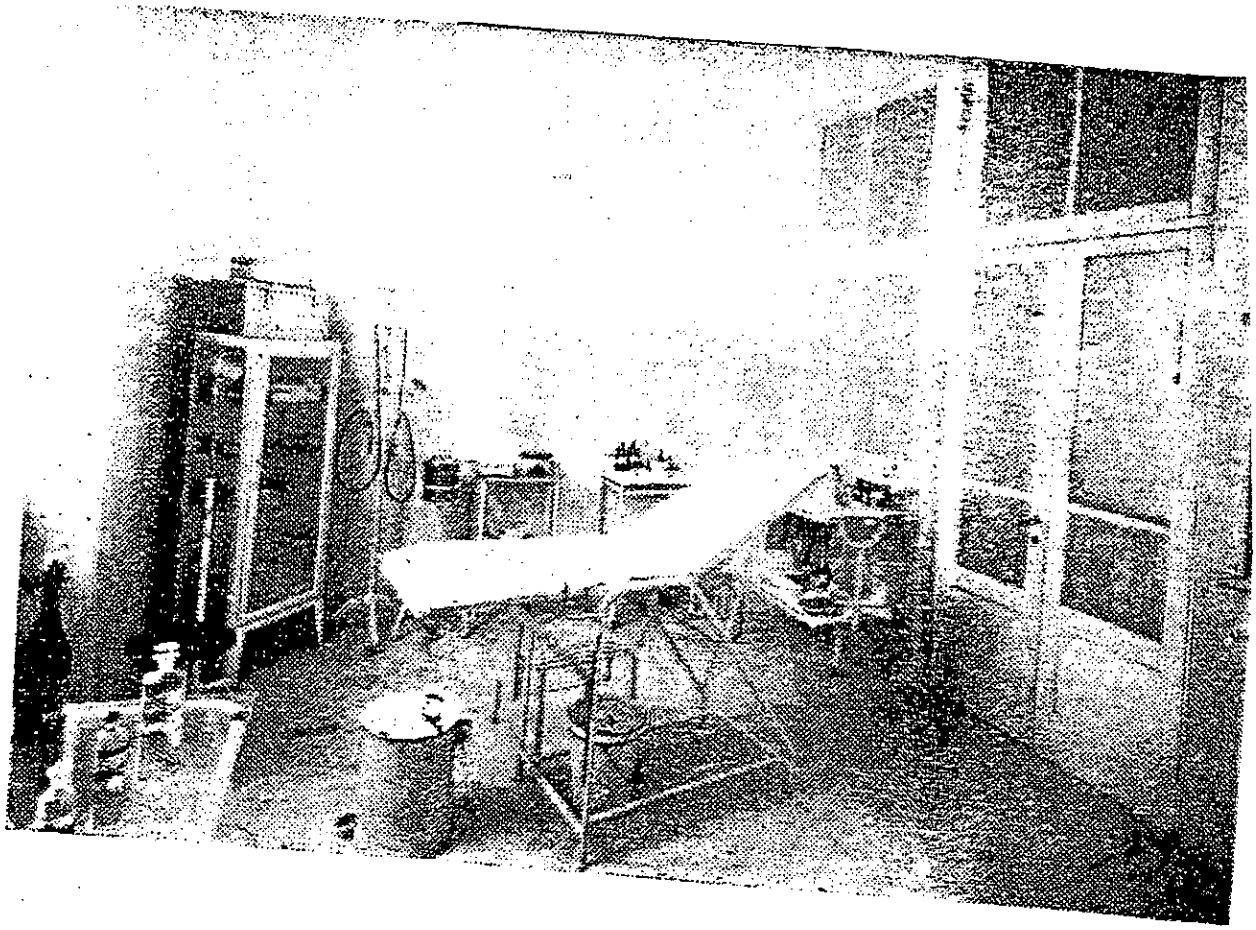
Os quartos

de terreno que constitui a Quinta do Outeiro, com quase sete hectares de extensão.

Não pararam os esforços; outros se multiplicaram. Renovaram-se as fileiras de trabalho e nova comissão de propaganda surgiu: António Casanova, Alberto Baptista Álvares e Amador Augusto Lavadinho, e a Casa de Repouso inaugurava-se, em edifício próprio, no dia 3 de Abril de 1938.

Em 28 de Dezembro de 1945 abriu o edifício dos «Serviços Clínicos Manuel António Dias Ferreira», reservado aos doentes, que ficaram, assim, a usufruir instalações apropriadas.

No ano de 1946, a 24 de Novembro, criou-se a Secção Feminina, a primeira Casa de Repouso existente em Portugal para senhoras de uma só profissão.



«Serviços Clínicos Manuel António Dias Ferreira»

Sala de tratamentos

A vida em qualquer destas secções tem o cunho agradável do lar comum, disfrutando, quer os homens, quer as senhoras, de habitação, vestuário, alimentação, assistência médica e farmacêutica, além dos recreios do espírito, como biblioteca, gabinete de leitura de jornais e revistas, receptores de T. S. F., concertos, conferências, recitais e espectáculos que bastantes artistas levam frequentemente à Casa de Repouso.

Há em tudo um ar alegre, sem exageros supérfluos, nas onde realçam o asseio, a luz e o conforto de qualquer lar de mediano nível de manutenção.

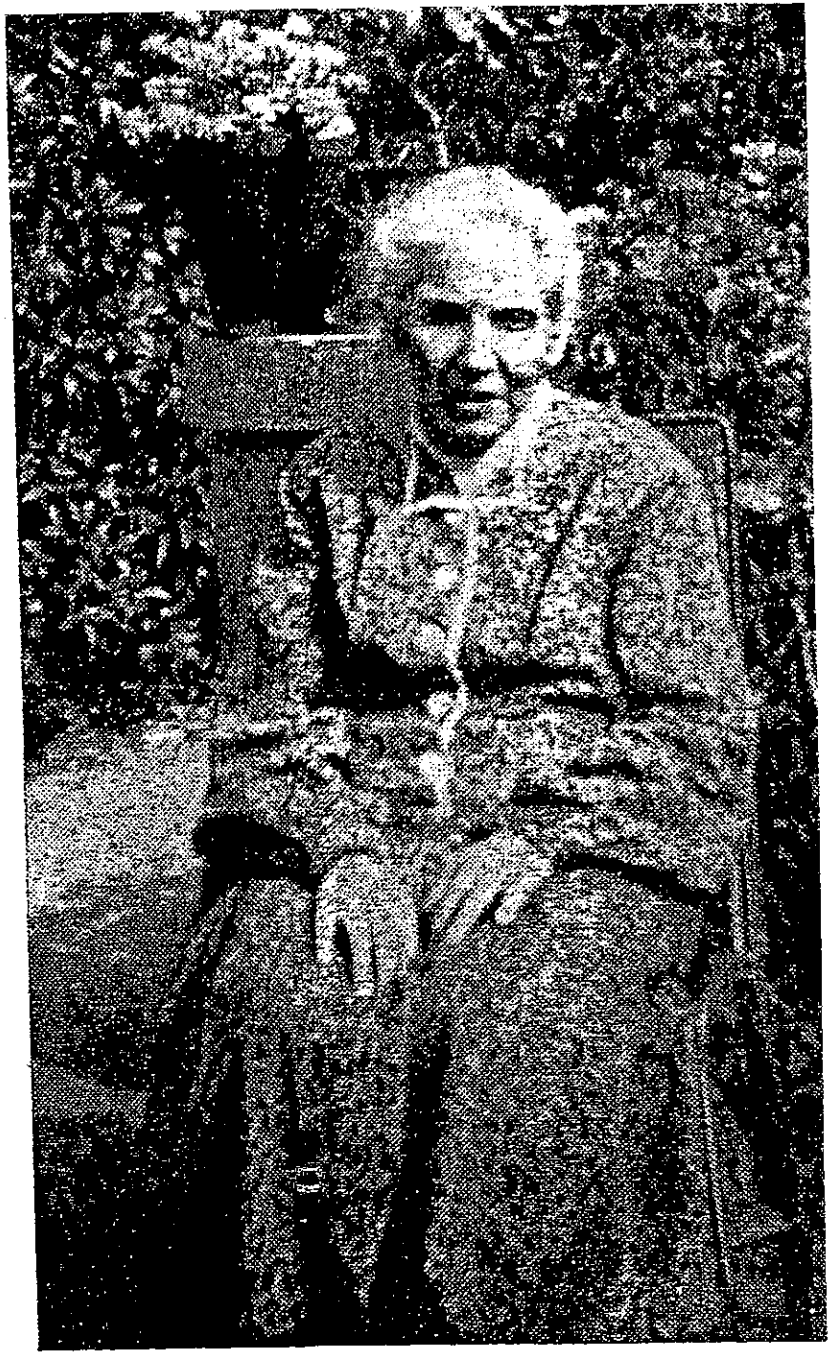
Tudo é proporcionado, por um princípio inteligente e solidariedade, sob o aspecto gratuito. Sòmente se exigem, sem esquecer a qualidade de sócio, quatro re-

Internadas, internados e alguns pupilos

quisitos: o provado profissionalismo comercial, a invalidez demonstrada clìnicamente, a carência de recursos materiais e uma boa moral na profissão e na sociedade.

São imensas as individualidades que têm visitado esta instituição e é interessante recordar algumas das opiniões que esses visitantes ali deixaram exaradas: o falecido ministro do Interior dr. Mário Pais de Sousa declarou: «Levo daqui uma grande lição; ela consiste em ter visto nesta grande realização, em início, quanto pode a iniciativa particular, inteligentemente dirigida»; o também falecido actor Casimiro Tristão, que foi o ardoroso paladino da «Casa de Gil Vicente», escreveu: «Que dizer desta humanitária Casa? Que foi esse o ideal pelo qual lutei durante trinta anos para a minha querida classe — a dos artistas dramáticos —, que absurdo! — a não querer.

O sorriso optimista de uma octogenária, antiga caixeira, hoje na Secção Feminina

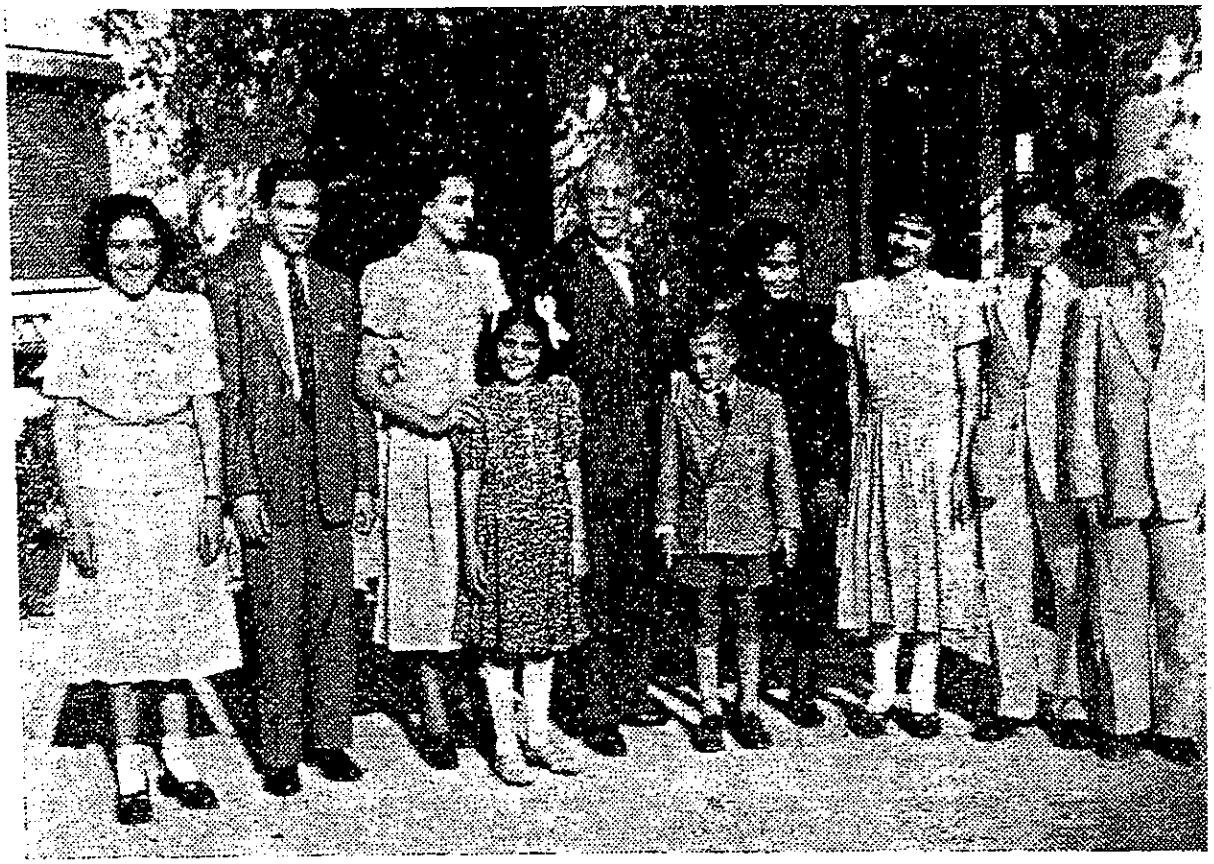


E a miséria alanceia-os. Bendita esta Casa! E que perdure»; o tenente-coronel Artur Lobo da Costa, que foi também comerciante e desempenhou o cargo de governador civil de Lisboa, exteriorizou assim as suas impressões: «Antes de visitar esta casa, pelas referências que a ela ouvia fazer, considerava-a boa; porém, hoje, verifico, com prazer grande, que não é boa, mas sim óptima, devido, sem dúvida, à acumulação de bons esforços e a um humanitário espírito

Corpos Sociais em 1951, junto ao busto de Alexandre Ferreira

de solidariedade de todos aqueles que têm colaborado em tão grandiosa obra»; finalmente, o colonialista António Joaquim Cardoso escreveu: «Com 42 anos de Angola vim a esta cidade. Visitei esta instituição que me deixou um completo estado de satisfação, porque, na qualidade de velho comerciante, reconheço que os meus companheiros de infortúnio encontraram aqui um verdadeiro amparo e carinho».

A Casa de Repouso acolhe, presentemente, internados, de ambos os sexos, provindos das seguintes localidades: Alenquer, Amadora, Avis, Barreiro, Batalha, Braga, Cabeção, Cacém, Cagido (Santa Comba Dão), Caldas da Rainha, Carcavelos, Chamusca, Chaves, Colos, Coimbra, Ferreira do Alentejo, Figueira da Foz, Fratel, Funchal, Lagoa, Lisboa, Lou-



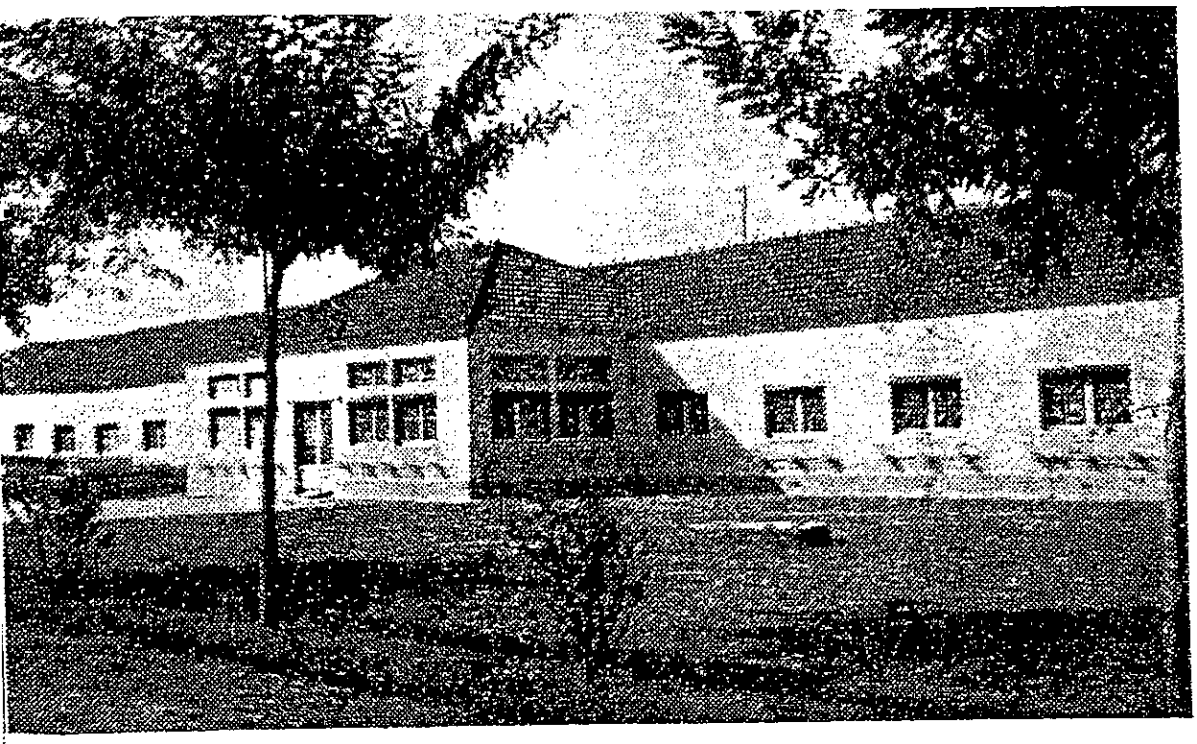
Alexandre Ferreira com alguns dos pupilos da instituição

res, Luanda, Mina de S. Domingos, Montijo, Murtal (S. Pedro do Estoril), Parede, Penafiel, Pombal, Portalegre, Porto, Queluz, Rio de Mouro, S. Martinho das Amoreiras, Santarém, Setúbal, Sines, Sousel, Venda do Pinheiro, Vendas Novas, Vila Franca de Xira, Vila da Marmeleira e Vila Real de Trás-os-Montes.

Numèricamente, a sua posição em 31 de Dezembro de 1951 era a seguinte: associados em todo o País, incluindo as Ilhas e o Ultramar, 34.274; assistidos permanentes nas duas secções da Casa de Repouso, 186; no Orfanato, 12; nos seus lares, 53, ou seja um total de 251.

Os fundos sociais atingiam 11.024.277$90.

Está em construção um novo edifício, que, pro-



Edifício em construção que ampliará, depois de concluído, a actual Casa de Repouso

longando o actual onde se encontra instalada a Secção Masculina, permitirá, concluído, que a capacidade de admissões se eleve a 224 lugares internos.

Fica, assim, feita, a largos traços, a história de INVÁLIDOS DO COMÉRCIO, da sua evolução e da sua vida, por vezes bem febril de actividade.

Da sua razão de existência falam, talvez melhor do que nenhumas outras, estas palavras, eivadas de certa melancolia e ditas ao redactor de um jornal, por M. L. L., antigo caixeiro no Porto, dias antes de ser admitido na Casa de Repouso: «— Era empregado no comércio. O ramo comercial é um sorvedoiro de energias que todos gastamos inùtilmente ... Olhe, eu, por exemplo: vim para o Comércio aos 13. Ando há 43 anos aos baldões de todas as contingências da vida. O que eu tenho passado! ... O que nós somos ! ...».

«Ao visitar esta benemérita Instituição, «Inválidos do Comércio», foi tão grande a minha impressão que choreil Chorei por ser velho, e por não ter infelizmente, a dentro da minha classe, a esperança de uma simples equivalência de tão grandiosa obra!»

Silvestre Alegrim
(Actor)

EDIÇÃO

DA

COMISSÃO DE PROPAGANDA

DE

INVÁLIDOS DO COMÉRCIO

EDITORA GRÁFICA PORTUGUESA, LDA.
RUA NOVA DO LOUREIRO, 18 A 28
LISBOA // TELEFONE 2 5295